

ralismo, se continuara a dividir nos homens indivíduos isolados, ainda que concebidos abstratamente e independentemente de sua origem, nunca fôra possível abranger integralmente nos cálculos seu ser inteiro. Como "massa", porém, a humanidade passava, de vez, a ser uma soma de unidades absolutamente idênticas, que podiam ser adicionadas, subtraídas, divididas e repartidas.

A doutrina de redenção prègada por Marx se baseava justamente nessas operações aritméticas. Efetivamente, a vitória do proletariado, a "expropriação dos expropriadores", devia realizar-se porisso mesmo que o número dos exploradores se iria tornando cada vez menor e o dos explorados, cada vez maior. No desequilíbrio originado pela superioridade excessiva do grande número sôbre o pequeno, do número crescente sôbre o número decrescente, é que residia a promessa certa do triunfo.

De resto, a concepção da "massa" tal como a produzira o marxismo, aproxima-se do conceito da massa na física. Aquí como lá, a "massa" acaba por ser uma unidade de cálculo sem valor concreto algum, um produto de raciocínios matemáticos, abstraído de toda realidade material. Para a tecnocracia, resta apenas sacrificar o último signo simbólico que ainda lembra a unidade do homem vivo — o discreto algarismo. Dêste, livra-se a tecnocracia, graças à redução do homem em quilocalorias. Dêste modo, a vida passa definitivamente para aquelas esferas nas quais nem o mínimo resíduo terrenal poderá ainda prejudicar a sublime pureza do cálculo científico.

A máquina que, com uma lógica férrea, reduzira o homem produtor a um elemento da massa e por fim, a um "quantum erg", sem deixar transparecer, um momento sequer, a noção de sua unidade orgânica, transforma também, por idêntico processo, em fator aritmético impessoal, a parte da população terrestre a que são destinados os produtos da indústria mecânica.

Aos olhos da era industrial, o "consumidor" também, mais a mais se está apresentando como ãa "massa" independente da vida individual e da necessidade e cujas propriedades já não derivam de gênios nem de inclinações pessoais, e sim de médias típicas fornecidas pela "lei estatística do grande número".

Ao passo que, na natureza, tudo é irreiterável, i. é. acontece apenas uma vez, a faculdade da máquina em produzir valores que ultrapassam a capacidade criadora humana reside numa artimanha mágica de multiplicação. O ardil com cujo auxílio a razão consegue sobrepujar a natureza, reside na repetição. Sômente o que pode ser repetido, deixa-se prèviamente calcular. Pelo contrário, tudo o que é irreiterável, que só pode suceder uma vez, escapa à ingerência da razão.

Visto que a máquina, na qual êsse artifício da repetição se tornara em aço, consegue sômente produzir um grande número de coisas

absolutamente idênticas, era indispensável descobrir nos homens que deviam usá-las algo de permanente e de calculável, que se repetisse.

O artigo industrial, que se limitava a repetir-se, não podia respeitar as necessidades particulares dos homens, as tendências particulares de seus gostos, as medidas individuais dos calçados ou dos chapéus. Por amor dêle, tinha o produtor de fazer abstração da multiplicidade infinita de matizes e agrupar os homens em novas categorias, consoante suas necessidades e seus caracteres comuns.

Estes dados, era sômente a estatística que os fornecia. Quanto maior se tornava o número de indivíduos observados, tanto mais claras pareciam, em verdade, as concordâncias de que a produção industrial necessitava para aplicar com sucesso seu único talento: a multiplicação repetida de coisas imutavelmente idênticas.

Assim é que a produção em massa impunha forçosamente a estandardização das necessidades, repartia os homens de acôrdo com suas próprias normas. Em consequência, introduzia, na vida, igualdades fictícias e simulava a unidade onde a natureza havia criado a multiplicidade.

* * *

Os românticos ainda viram as primeiras consequências da era da máquina. Com toda a sensibilidade duma vista costumada à intuição orgânica, lamentaram como uma "profanação da Criação", o despedaçamento da "totalidade" humana que ali se praticava.

Na repartição do trabalho, êsse princípio fundamental do industrialismo, Adão Mùteller via um "mecanismo inerte e desumano" que transforma o corpo vivo num órgão unilateral automático e faz parecer o homem um "mero fragmento do seu próprio corpo". "Na grande fábrica, são só fragmentos do homem, fôrças isoladas que se utilizam, e não o homem inteiro, o qual poderia indiferentemente perecer se, um dia, em consequência das reviravoltas dos mercados e das modas européias, o que há de neutro nêle, seu valor em dinheiro e em salário se tornasse inutilizável na grande máquina de fazer dinheiro".

Porém, o de que a alma humana precisa, pensa ainda o romântico, é de um campo de ação universal, "esférico". Se, muito ao contrário, a divisão do trabalho "retalha o homem total e livre em rodas, roquetes, cilindros, eixos e raios de roda, impõe-lhe um sector especializado e diminuto no sector já por si parcial, do provimento a uma única das nossas necessidades, como podemos exigir que êsse fragmento corresponda ao Direito? Os losangos, triângulos e figuras de toda sorte em que dividiram a esfera, como poderão êles, assim isolados, identificar-se com a grande esfera da vida política e com sua lei?"

Contudo, o tempo dos campos de ação "esféricos" tinha passado. A máquina, no seu progresso contínuo, passa por cima do romantismo, sem prestar-lhe atenção, preocupada apenas em encon-